

Memória imaterial: arquivo ilustrativo de histórias e tradições da cultura ítalo-brasileira, mediante a memória de velhos

Aryana Lucia Rech¹, Leonel Piovezana², Edivaldo José Bortoleto³

Resumo

Este estudo parte dos conceitos de “memória” para Pollak, Halbwachs e Bosi e de “grupos étnicos” de Barth para a análise e ilustração da cultura ítalo-brasileira através de fragmentos da memória de velhos, coletados em entrevistas diretas e indiretas. O objetivo se justifica no resultado obtido pela análise de grupos étnicos, com enfoque maior nos ítalo-brasileiros em suas territorialidades, com a colonização do oeste catarinense. Na sequência, temos um aprofundamento da memória “Kofa ag”, em que encontraremos uma ponte entre o conhecimento científico e as lembranças dos quatro entrevistados, com ilustrações que dão vida às experiências dos narradores, ampliando e enriquecendo a memória imaterial, patrimônio da região.

Palavras-chave

Memória de Velhos. Grupos Étnicos. Ilustração.

1. Mestranda em Educação na Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Santa Catarina, Brasil, bolsista Capes. E-mail: aryana@unochapeco.edu.br.

2. Doutor em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil; professor titular da Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Santa Catarina, Brasil. E-mail: leonel@unochapeco.edu.br.

3. Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo, Brasil; professor na Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Santa Catarina, Brasil. E-mail: ejbortol@unochapeco.edu.br.

Immaterial memory: illustrative archive of histories and traditions of the italian-brazilian culture, through elderly people's memories

Aryana Lucia Rech*, Leonel Piovezana**, Edivaldo José Bortoleto***

Abstract

This study is based on the "memory" concepts of Pollak, Halbwachs, Bosi and "ethnic groups" of Barth, for the analysis and illustration of Italian-Brazilian culture through fragments of the memory of old people collected in direct and indirect interviews. The objective is justified by the result obtained by the analysis of ethnic groups, with a greater focus on Italian-Brazilians in their territorialities with the colonization of the west of Santa Catarina. In the sequence we have a deepening of the memory "Kofa ag" where we will find a bridge between the scientific knowledge and the memories of the four interviewees, with illustrations that give life to the narrators' experiences, enlarging and enriching the immaterial memory, patrimony of the region.

Keywords

Elderly People's Memories. Illustration.

* Master degree in Education, Community University of the Region of Chapecó, State of Santa Catarina, Brazil. E-mail: aryana@unochapeco.edu.br.

** PhD in Regional Development, University of Santa Cruz do Sul, State of Rio Grande do Sul, Brazil; professor at the Community University of the Region of Chapecó, State of Santa Catarina, Brazil. E-mail: leonel@unochapeco.edu.br.

*** PhD in Education, Methodist University of Piracicaba, State of São Paulo, Brazil; professor at the Community University of the Region of Chapecó, State of Santa Catarina, Brazil. E-mail: ejbortol@unochapeco.edu.br.

Introdução

É imprescindível, para despertar um sentimento de cidadania e continuidade, que os integrantes de um grupo saibam de sua história, de seus hábitos e costumes. E nada melhor do que usar as memórias de personagens que há mais tempo estão na vivência do grupo – os idosos – para compartilhar dessas memórias com o grupo maior. Essas ilustrações podem tornar seus integrantes cômicos de seu papel como ser social, valorizando o grupo e, nas palavras de Pollak (1989, p. 1), isso “o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais.”.

Temos como objetivo para este artigo estimular a reflexão sobre a importância da ação de contar e ouvir histórias de velhos, como fonte de referência para o aprendizado e a criação de valores. Apresentamos um breve ensaio acerca dos grupos étnicos e a manutenção de seus costumes por meio da valorização do velho como memória viva da família, permeado por teorias da memória de velhos e reminiscências coletadas em entrevistas que corroboram a teoria. Por fim, temos desenhos que ilustram essas histórias de vida, em uma produção artística que valoriza a identidade cultural da nossa região.

Memórias são lembranças que se mantêm vivas através do tempo e que estão determinadas pelas vivências afetivas de maior expressão, como afirmam Costa e Castro (2008, p. 128), quando asseguram

a importância em considerar o papel das emoções na preservação das memórias que constituem o Patrimônio Imaterial Nacional, pois elas (as emoções) priorizam conteúdos

da memória sendo as experiências afetivas dos grupos, condição necessária à sua preservação.

A busca de material oral para a produção ilustrativa ocorreu mediante a utilização de entrevistas que originaram narrativas, e cujo intuito era manter vivas as memórias e demonstrar o quanto essas lembranças eram intrínsecas ao modo de ver e pensar das pessoas, e o quanto essas experiências marcaram a vida desses velhos. Isso contribui não somente para a base de sua existência, mas para as experiências de quem teve a oportunidade de ouvi-los.

Apresentamos como colaboradores um grupo de idosos com faixa etária de 70 a 90⁴ anos com a possibilidade de vivências em épocas e instituições distintas. Trata-se de um grupo de cinco idosos pertencentes a famílias ítalo-brasileiras, cujo material foi coletado tanto de forma direta, com entrevistas semiestruturadas, quanto indireta, utilizando o acervo *on-line* do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM). As entrevistas diretas seguiram a linha das entrevistas feitas no relatório de pesquisa *Novas etnicidades caboclas* (SAVOLDI; RENK; WOLLF, 2006), sendo fiel ao dialeto de cada entrevistado, respeitando sua posição e postura, procurando construir uma relação não violenta. Elas se deram no ambiente dos colaboradores, de forma tranquila em rodas de chimarrão⁵ e quitutes típicos.

Como o elemento diferencial é a expressão por meio da ilustração, essa pesquisa pode ser caracterizada também como etnográfica. Por tratar-se do estudo de um grupo, em que

4. Para garantir o anonimato dos colaboradores, todos os nomes pessoais são fictícios. Os entrevistados estão nomeados da seguinte forma: sujeito 1/mulher, sujeito 2/homem, sujeito 3/mulher, sujeito 4/homem, sujeito 5/mulher; sendo que as entrevistas dos sujeitos 1 e 4 foram retiradas do acervo *on-line* do CEOM, e as entrevistas com os sujeitos 2, 3 e 5 foram feitas diretamente.

5. Chimarrão é uma bebida típica do Sul do país, principalmente no Rio Grande do Sul, origem da maioria de nossos entrevistados, suas ou de seus progenitores. Essa bebida é encontrada também, no Uruguai, Paraguai e na Argentina, tendo origem indígena e nos chamados *gáuchos*. Uma roda de chimarrão trata de um convite à conversa e à narração de histórias

houve interação entre pesquisador e objeto pesquisado, mantém-se “a visão dos sujeitos pesquisados sobre suas experiências” e também “a coleta dos dados descritivos, transcritas literalmente para a utilização do relatório” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 41).

Depois de se assentarem no Rio Grande do Sul, os imigrantes ou seus descendentes, devido ao excedente populacional, foram obrigados a uma migração, agora para o estado vizinho⁶. Esses grupos de ítalo-brasileiros, aos quais pertencem os protagonistas das entrevistas escolhidas para esse estudo, vieram do Rio Grande do Sul para o oeste catarinense em meados do século XX. São tidos como colonizadores do oeste. Fato já desmitificado por pesquisadores, como Renk (2005), Zambiasi (2000) e Piovezana (2010). Sabe-se que as consequências dessa migração para os povos que habitavam a região foram “desastrosas, empurrando para as áreas periféricas, brasileiros e índios” (ZAMBIASI, 2000, p. 10). Mas sabemos, também, que todo o processo de imigração é algo muito mais complexo do que imaginamos. A aventura de emigrar para um país distante, desconhecido e diferente, e depois para um estado diferente, seguindo os passos de seus antepassados, não é um procedimento tranquilo.

No que se refere à memória imaterial, abordamos duas memórias de que fala Bosi (1994), a memória hábito e a imagem-lembrança. “A imagem-lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada, ao passo que a memória-hábito já se incorporou às práticas do dia-a-dia. A memória-hábito parece fazer um só todo com a percepção do presente.” (BOSI, 1994, p. 49). Na memória dos idosos – personagens dessa produção – trabalhamos com um entrelaçamento dessas duas memórias, pois

as lembranças se tornam fluídas, uns lembram melhor que outros, e, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.” (BOSI, 1994, p. 55).

A memória de velhos é utilizada por Bosi em seu livro *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. Nele, a autora afirma que:

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente de seu grupo: nesse momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. (BOSI, 1994, p. 63)

Essa função própria do velho é o que nos interessa. É imprescindível para a formação de uma identidade, seja ela familiar, seja ela cultural e/ou étnica, que se tenha uma ligação com o que já passou. Para discorrer acerca da memória, Bosi (1994) lançou mão de alguns autores que estudaram o assunto, entre eles, Bergson e Halbwachs. De Bergson, Bosi (1994, p. 10) traz a percepção de que “a memória teria uma função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas de pensamento que já deram certo.” Nessa premissa, vê-se a importância da memória dos velhos para eles e para todos os que os ouvirem, pois contêm valiosas informações a respeito das coisas da vida, sejam elas do senso comum ou não. Segundo Costa e Castro (2008, p. 16), “do vínculo com o passado que se extrai a força para a formação de identidade”.

As memórias, quando trazidas ao palco da mente, não vêm tal como o dia em que ocorreram os fatos, e isso acreditamos ser a

6. Essa situação no Rio Grande do Sul teve, segundo Renk (1999), como colaboração da migração, uma situação que ocorria em Santa Catarina, onde, ao final da guerra do contestado o governo decide colonizar o oeste catarinense, dividindo as áreas em lotes ou colônias, vendendo-as, aos colonos do Rio Grande do Sul. Como um signo de similitude, este processo ocorreu quase da mesma forma ao dos seus pais e avós, ao deixarem a pátria. Tal similitude se dá considerando as especificidades próprias de cada região do país. Essa nova geração adentra no Oeste de Santa Catarina, sem saber ao certo o que esperar, mas sempre com foco no trabalho.

riqueza da memória de velhos. Se entrevistarmos dois indivíduos que presenciaram o mesmo fato, esses podem ter interpretações diferentes do ocorrido. Agora, se solicitarmos, anos mais tarde, em sua velhice, para esses mesmos dois indivíduos um relatório do fato que presenciaram, teremos, segundo Bosi (1994, p. 170), duas versões ainda mais diferentes, pois “a memória do indivíduo depende de seu relacionamento com a família, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.” Sendo assim, a memória é impregnada de novas significações projetadas ao longo da trajetória do sujeito.

Subjetiva ou não, a memória dos velhos e, dessa forma, os signos por eles trazidos, são, segundo Bosi (1994, p. 23), uma espécie singular de obrigação social que cabe, ou caberia, a essa parcela da sociedade. Função de lembrar e lembrar bem. Manter a fidelidade da lembrança com o ocorrido e, ou, com criatividade, esquecer certas partes e dar ênfase a outras mudando seu papel no acontecido.

Pensamos sempre na importância da memória de velhos para a nossa trajetória, em como nos ajuda ter a experiência de quem já vivenciou uma situação ou quem conhece melhor a região em que estamos, no conhecimento das ervas ou da agricultura, enfim, em como é fácil seguir agindo, quando há ações que já deram certo. Por outro lado, temos a responsabilidade para com esses velhos, de compartilhar essas memórias. Bosi (1994, p. 40) nos diz que “o vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância.”

Ao coletar reminiscências de idosos que fazem parte da etnia ítalo-brasileira, procuramos por memórias de hábitos e costumes característicos desse grupo, bem como experiências de vida, de juventude, de

lazer e até mesmo lendas e histórias antigas. Muitos desses hábitos, costumes e lendas são milenares, passados de geração para geração.

O termo “grupo étnico”, segundo Arlene Renk (2005, p. 91), é “uma coletividade de pessoas que se perpetua biologicamente”. De acordo com Barth (1998, p. 189), é um grupo que “compartilha valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade nas formas culturais.” Assim, o grupo ítalo-brasileiro possui características pontuais que definem os membros pertencentes a essa população, mas que também viveram experiências comuns a vários grupos. Segundo Barth (1998, p. 194), “as características que são levadas em consideração não são a soma das diferenças ‘objetivas’, mas somente aquelas que os próprios atores consideram significantes”.

Os elementos distintivos da cultura ítalo-brasileira foram pontos de grande influência para a colonização do oeste catarinense. Para o termo colonização, conforme utilizado aqui, temos a seguinte definição:

Colonização é o processo de retalhamento das áreas em glebas de 24 hectares, a chamada colônia, vendida aos pequenos agricultores. Esses eram descendentes de italianos, alemães e poloneses que migraram do Rio Grande do Sul para cá. Essa era uma migração para a colonização, criando no oeste catarinense, a paisagem colonial. (RENK, 2005, p. 81).

Os colonizadores, descendentes de italianos e alemães, se colocaram no papel de pioneiros, desbravadores do oeste catarinense, e se viam – equivocadamente – como os únicos responsáveis pelo desenvolvimento da região, subjulgando os demais grupos étnicos, originários e/ou remanescentes. Foram pessoas com características culturais, religiosas e com perspectivas de progresso e desenvolvimento voltados para a exploração da natureza, sem exceção, e praticaram a limpeza da terra que incluía também o que era nativo ou das selvas,

nesse caso, os indígenas Kaingang, Xockleng e Guarani. Os brasileiros eram os designados pelos ítalo-brasileiros como os indígenas, caboclos, bugres e remanescentes de quilombos, enfim, os mestiços (PIOVEZANA, 2010).

Durante a colonização do oeste catarinense, o contato entre os diferentes grupos étnicos, e o imediato estabelecimento de elementos culturais diferenciadores, podem ter sido fatores fortalecedores das fronteiras étnicas.

Situações de contato social entre pessoas de culturas diferentes também estão implicadas na manutenção da fronteira étnica: grupos étnicos persistem como unidades significativas apenas se implicarem marcadas diferenças no comportamento, isto é, diferenças culturais persistentes. (BARTH, 1998, p. 196).

Para os grupos que se consideram pioneiros, é preciso manter, nessa segunda década do século XXI, a predominância da cultura do trabalho, pois para eles “só o trabalho dignifica a pessoa”. Muitas dessas características culturais foram trazidas por esses grupos de matizes europeus. Percebemos no desenvolver das entrevistas um grande orgulho pelo seu local de origem, caso de um dos entrevistados, ao afirmar com afincamento que é italiano, lançando uma pegadinha: “Gato que nasce em forno é pão?” Essa questão serve para provar que, apesar de ter nascido no Brasil, é italiano. A Itália é, portanto, muito importante para a formação de sua identidade e de sua memória. Segundo Pollak (1989, p. 202):

Locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e, por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo. Aqui estou me referindo ao exemplo de certos europeus com origem nas colônias.

Os descendentes de italianos e alemães trouxeram muitas técnicas de trabalho nos

processos de imigração e migração para o oeste catarinense, como a prática da policultura. Os participantes dessas etnias “acham que seu trabalho modificou a região. Se antes era só mato, agora são áreas de plantio. Essas mudanças, segundo suas falas, são o resultado do trabalho dos pioneiros. E esse trabalho é utilizado para a construção de uma identidade” (RENK, 2005, p. 65).

De acordo com o livro *Lembranças de velhos*, de José Luiz Zambiasi (2000), ao adentrar no oeste catarinense, a população ítalo-brasileira buscou – da forma que conseguiu – colocar as coisas a seu jeito. Em entrevistas com velhos de origem italiana, o autor explica os primeiros passos desse grupo ao tomar posse de sua propriedade: “Guido observava que as pessoas do mesmo local (conhecidos e parentes) procuravam adquirir propriedades próximas umas das outras para realizar em mutirão as tarefas iniciais (derrubar a mata, construir a casa)”. E segue com a constatação: “Segundo ele, confirmado nas entrevistas com os outros, essa era uma preocupação fundamental de todos. Sem isso a vida se tornaria muito mais difícil” (ZAMBIASI, 2000, p. 34). Esses costumes ítalo-brasileiros (citados nas entrevistas) serviam para que outros grupos étnicos os reconhecessem. Segundo Barth (1998, p. 194), as características que diferenciam os grupos podem ser de duas ordens:

1. Sinais ou signos manifestos – os traços diacríticos que as pessoas procuram e exibem para demonstrar sua identidade, tais como o vestuário, a língua, a moradia, ou o estilo geral da vida; e 2. Orientação de valores fundamentais – os padrões de moralidade e excelência pelos quais as ações são julgadas.

Todos esses elementos que marcam as fronteiras entre os grupos étnicos perpassam os anos através de gerações. Dessa forma, potencializa-se a importância da memória dos velhos na manutenção dessas informações.

Bosi (1994, p. 47) afirma que “a memória teria uma função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas de comportamento que já deram certo”. E sabemos que muitas ações são passadas por grupos étnicos e culturais, e, se deram certo uma vez, são seguidas e não questionadas.

Conscientes da influência que a etnia ítalo-brasileira teve na história do oeste catarinense, temos claro o objetivo de valorização da memória desses descendentes, de suas experiências, hábitos e costumes, bem como a valorização de contar e ouvir histórias, reforçando, assim, a noção de pertencimento, e parte da identidade da região.

As explicações acerca da memória e da memória de velhos, aclaradas com trechos das entrevistas e ilustrações desenvolvidas a partir desses relatos, constituem não um arquivo documental e científico dos hábitos e costumes dos ítalo-brasileiros, mas um conjunto de dizeres falando das experiências, aventuras, divertimentos e dificuldades de um grupo étnico em uma época de mudanças e incertezas, em uma região desconhecida como o oeste catarinense.

Neste artigo, direcionamos o foco para a beleza do lembrar, para aquilo que ficou realmente marcado na memória desses velhos, entendendo os relatos e concebendo-os como “Kofa ag”, conceito da língua Kaingang que significa ponto de referência, memória, guarda espiritual, sabedoria ou saberes da memória. Procuramos significados e justificativas nessas experiências de vida, apesar de serem comuns aos integrantes desses grupos étnicos, nessa fatia de tempo, relatos únicos, garantidos por uma individualidade por vezes interrompida pelas memórias coletivas. O que queremos perceber são as lembranças que compõem essa memória e de que forma elas vêm à tona. Sobre isso, Pollak (1989, p. 201) escreve:

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer.

Para ilustrar essa citação fazemos uso do fragmento de uma das entrevistas (sujeito 1/mulher), em que temos a nítida sensação de que essas são memórias coletivas, pois trazem a história e acontecimentos pertencentes a outras pessoas e que lhes foram contados em algum momento da vida:

- E bicho, algum animal a senhora lembra da época aqui? Que tipo?

- Tigre uh! Óia os meus irmãos ali ficaram ali no barraco do, do, não sei se era brasilêro ou se era índio, não sei o que que era, que tinha um barraco ali, e tocava dexá um fogo acendido porque a minha mana tinha duas criança pequena, senão vinha robá. E o João, que morava aqui em Fernando, o João que morava ali em Fernando, depois que descobriu que tinha aqui gente, ele vinha pra cima thó, à cavalo dali convidava os meu irmão, meu cunhado, pra i lá ajuda matá porco, ele morava aqui em Fernando. E thó, e diz que tinha medo, e depois que deu um porquinho, e tocava sempre acendê o fogo, e dexá o fogo acendido, pra tigre não vim pegá o porquinho também, veja bem o que que passô os meu mano aqui, né. (SUJEITO1/MULHER).

Esse trecho trata-se de memória coletiva, em que o sujeito que lembra não é o mesmo que viveu as experiências. Nesse caso foi um irmão do sujeito que as relatou em forma de narrativa, trazendo essas memórias para o presente das memórias da irmã, e também para as nossas memórias, a partir do momento em que as lemos. Nesse caso, em específico, temos um relato da existência de animais, cuja espécie não pertence à região mencionada. O

que ocorre é, certamente, uma confusão com o nome dos animais, sendo que tigre – felino comumente encontrado no continente Asiático – foi, provavelmente, confundido com algum felino característico da América do Sul, como onça parda ou suçuarana, puma etc. Esse tipo de relato das terras de Santa Catarina era comum entre os candidatos à migração. Sendo terras desconhecidas, as lendas mais inusitadas podem ser encontradas nas narrativas dos velhos. No livro de Zambiasi (2000) encontramos relatos de velhos que tinham muito medo da mudança para Santa Catarina, pois os relatos de leões e tigres eram assustadores.

Percebemos, ao longo das entrevistas feitas de forma direta, que a memória tem diferentes estopins para vir à tona, seja ela individual, seja ela coletiva. A memória coletiva é bastante comum nas histórias dos velhos, e normalmente tem base na história do grupo ao qual pertencem. A visão dos velhos sobre os fatos é única, mas constantemente influenciada por outros. Sobre isso, Bosi (1994, p. 55) discorre a respeito da teoria de Halbwachs: “Se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos faz lembrar: o maior número de nossas lembranças nos vêm quando nossos pais, nossos amigos, ou outros homens, no-las provocam.”

Adentramos nas memórias coletadas com um casal de entrevistados, nas quais temos exemplos da influência do meio e dos costumes sobre suas histórias. São memórias coletivas e que, de alguma forma, exerceram influência nas suas trajetórias. Concomitante a esse fragmento de memória, temos a primeira ilustração feita com base na lembrança que segue:

- Fomos em baile recém antes de casar, aí tinha o falecido nono Sabugo (risos) ele dizia: - *Ma guarda che robe che se vede. Mano nella mano* (risos) [veja só o que se vê. De mãos dadas]. Ma meu deus do céu, não podia pegá na mão, mas de jeito nenhum. E eu e a Maria, nós era mais moderno, então nós tava abraçados, nem pegados pela mão, e ele dizia: - *ma proa guardar, guarda, si abbracciano* [mas olhe bem, olhe, se abraçam]. Os namorados dançavam a noite inteira porque era o único jeito de ficar abraçados. Esses baile, a gente fazia quando inaugurava a casa de alguém, não tinha as divisória, então era baile a noite inteira, com a luz dos lampiãozinho. Chegava antes de anoitecê e só podia sair quando amanhecia. As moças não podiam sair de noite, se queria ir no banheiro lá fora, tinha que chamá um irmão ou alguém. E quando voltava pra casa ainda tinha que tirá leite e fazê o serviço pra depois i dormi. (SUJEITO2/HOMEM).

Figura 1 – Representação dos bailes citados pelos entrevistados



Fonte: Aryana Rech, 2015, s/ título, aquarela s/papel, 30 X 23 cm.

No relato acima, temos um exemplo de como eram as relações sociais, e de como as pessoas deveriam se portar perante as outras. No caso, um casal de namorados causa certo furor quando desobedece as regras e passa a se abraçar em público. Essas regras eram, talvez, do tempo do sujeito de mais idade, ou seja, eram regras de outra geração. Mas como se lê, cada geração possui certa dificuldade em se adaptar ou aceitar as regras de outra. Segundo o sujeito que narra, era proibido tal ato, mas ele o fazia com a consciência de que estava importunando o senhor ao qual se refere na narrativa, pois se considerava uma pessoa moderna. Era um ato de rebeldia. E quando voltava para casa ainda tinha que cumprir com os afazeres, exemplo de que o trabalho era uma prioridade para as famílias.

Quando nos referimos à memória de velhos, percebemos que o passado, ao ser lembrado depois de muito tempo, adquire novas interpretações dos fatos, e os indivíduos veem o ocorrido sob uma nova perspectiva. Podem dar mais importância a determinado fato e esquecer outro. Maurice Halbwachs (1990, p. 25), em seu livro *A memória coletiva*, afirma que “se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais. Tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos”. Nesse sentido, podemos dizer que a ética⁷ muda um pouco, assim como o conhecimento sobre os conceitos. Segundo Ahlert (2007, p. 1), no que se refere à ética, ela possui:

Sua historicidade, seu lugar, seu tempo e seu espaço onde seus sentidos e significados foram e são construídos e reconstruídos pela ação e relação humana. Por isso, seu lugar para nossa análise e reflexão é nossa própria realidade, na qual sua universalidade ainda é

uma ausência quase universal.

Dessa forma vemos que, assim como ao longo do tempo mudam as concepções acerca do fato ocorrido, mudam também as noções de ética. Ahlert (2007) nos diz que existem macro fenômenos de ordem material como grandes acontecimentos que ocorrem no mundo e que vão mudando nossos conceitos. Dentre eles, o autor cita o sucateamento dos idosos e dos aposentados, mas acrescenta que “existem macro fenômenos de outra ordem, e que, progressivamente, aprendemos a ver através das ciências humanas. São os fenômenos que envolvem diretamente a história de cada indivíduo, como: a destruição das identidades pessoais” (AHLERT, 2007, p. 2). Em uma narrativa do sujeito 2/homem, ele conta uma história de sua adolescência, em que seus atos não condizem com o que, hoje, considera correto enquanto atuação social. Mas o vocabulário utilizado para descrever os envolvidos é bastante significativo no que se refere à sua real opinião sobre o ocorrido e ao contexto sociocultural em que foi criado:

Tinha uma curupela⁸, chamavam de curupela, mas era um chinedo, um chinedo. Tinha a Ana, a Carla, a Paula, tinha mais umas, tinha um monte, todas bonitas. Elas faziam aqueles bailezinho a toa, não era zona nem nada, chamavam curupela por que todas elas eram da arte.

Mas... E o falecido pai não queria que nós fosse no baile, e nós era sempre convidado. E começou dá raiva aquilo lá, só por causa desse putedo tá dando uma divergência aqui na casa, vamos arrebenhá com tudo e o José concordô, vamo arrebenhá com tudo. E nós tinha um facão, um facãozote lá, e o José achou uma queixada⁹ dum burro, e imagina, uma queixada, não tem facão pra rebatê aquilo lá.

7. Vale aqui reter o seguinte sobre essa perspectiva de ética, qual seja, ela é uma “ética de situação”, de contexto, necessariamente, não uma ética referenciada em fundamentos universais e metafísicos. Esse debate pertence ao campo da filosofia e ao campo da teologia. No caso em tela, se está falando de uma ética situacional.

8. Grupo de pessoas consideradas desocupadas, picaretas, à toa na vida.

9. Parte do crânio do animal, que se segurada da maneira correta torna-se uma espécie de escudo ou porrete.

E fomos lá, ficamos lá num cantinho planejando como nós ia fazê. Tinha só uma lamparina daquelas no meio da sala, e daí eu com o facão encostado na perna, digo vou lá e vou estourá aquela lamparina, e o pau pega lá dentro, o José a par da escada. E eu cheguei lá dentro e pá (gesto de golpe com o facão), arrebentei a lamparina, e (risos)... Meu deus do céu, aquilo começô um gritado, um gritado, e o facão pegando, de prancha que não corta ninguém, e a turma não sabia mais onde se pinchava, pois lá fora o osso pegava (risos). E eu dava em todo mundo, era tudo um putedo do diabo. Daí então limpamo tudo, acabou com a curupela deles (risos) nunca mais deu nada.

E não descobriram quem foi, não, não, imagina, um lampiãozinho daqueles não clareia, e quando eu bati aquilo lá esparramou vidro pra todo lado. E nos ia pedi ma o que é que deu gente, e eles contavam (risos). É, coisa errada né, meu deus! Naquele tempo era engraçado, mas hoje é covardia.

A narrativa acima relata um episódio de cunho criminoso, mas não é considerado assim pelo sujeito que lembra. Ele até sugere considerar errado, mas dá a entender que não se arrepende do fato, e esclarece que na época do ocorrido foi engraçado, e, de certa forma, justificável. Ao longo das entrevistas percebemos, destarte, quais episódios foram marcantes para os entrevistados, e de que forma eles lidam com essas lembranças. Outro fato que chama a atenção no relato, é que os dois irmãos gostariam de estar no grupo em questão, mas foram proibidos pelo pai, o que causou certo atrito em casa, fato que justificou a ação dos dois irmãos, ou seja, se eles não poderiam ir na dita “reunião”, ninguém mais iria.

No livro de Bosi (1994, p. 18) vemos a seguinte frase: “a função social do velho é lembrar e aconselhar [...] unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir.” Concordamos que o velho tem a experiência de uma vida, o que pode lhe garantir uma grande capacidade de aconselhar.

Os grupos étnicos do oeste catarinense

no período de colonização faziam – e ainda fazem – grande uso dos conhecimentos antigos, aqueles passados de geração para geração, conhecidos como empíricos, ou seja, oriundos da experiência. Esses conhecimentos tinham como base a memória dos mais velhos, pois eram poucas as informações coletadas de outra forma. No relato que segue, podemos notar um forte apego à cultura e aos costumes, e um forte desprezo pelos costumes e cultura do outro:

Vero [verdade], minha cara, aqui tudo foi muito difícil, quando chegamos nesse Paraná que depois virou Santa Catarina, tudo era só mato. Eu nasci naquelas pirambeiras de Guaporé no Rio Grande do Sul, lá só tinha gente boa, somente italianos, trabalhadores e com muita fé em Nossa senhora. Aqui não tinha estradas como hoje, era só carreiros e tinha que se cuidar pra não tropicar num brasileiro, aqueles bugres que foram todos para a cidade, pois não tinham vontade de trabalhar. A gente quase se rebenta de tanto trabalhar, levanta cedo, faz o fogo, esquenta a água, tira leite das vacas, trata porco, solta as galinhas e apalpa uma por uma para ver se tem ovo e depois ir atrás achar os seus ninho, faz polenta, come e vai pra roça, eles não, sol quente, dia bonito, ficam tomando chimarrão, na sombra, sem fazer nada, isso me incomoda, são todos preguiçosos e nem Deus tem, são pagãos. Tudo está virando um comunismo, hoje está tudo bagunçado e ninguém se respeita... naquele tempo tudo era mais sério. Minha avó sempre nos contava que foi castigo de Deus serem pretos esses brasileiros e eu acredito. Ela contava e está na bíblia, não sei onde porque não enxergo, mas que Nossa senhora, mãe de Jesus teve que fugir para o deserto montada em uma mula e um menino foi puxando a mula, sabe que essas béstias empacam, só que o menino levou pelas pirambeiras e a mula tropicou e derrubou Nossa Senhora com o menino Jesus no colo e o menino deu risada, então Deus castigou o menino e deixou ele bem preto e amaldiçoou a mula e que nenhuma mula poderia procriar para todo o sempre e isso é verdade, mula não cria. Por isso, não gosto deles, eles vem aqui em casa, trabalham pra comer, mas mando embora, alguns até são

gente boa, mas rezam pouco e não trabalham. Eu rezo o terço todo santo dia, mesmo trabalhando na roça (SUJEITO3/MULHER).

Na fala dessa senhora de origem italiana, fica evidente a preocupação com o trabalho e, ainda, a ideia de que o Céu é a recompensa. O corpo é para sofrer, flagelar. A fé que está implicada na cultura e na tradição é uma arma para a guerra contra o diferente, enquanto que a eliminação e expulsão do convívio do dia a dia dessas pessoas, seria uma benção, uma recompensa de Deus. Esses processos preconceituosos, embasados na fé, deram suportes para a dizimação e caça aos indígenas da região oeste catarinense até início da década de 1960, quando ainda muito se praticava a caça ao bugre, pelos então denominados “bugreiros”. Esse relato, dentre todos, é o de cunho mais preconceituoso e nos mostra como o processo de chegada dos descendentes de italianos para a dita “colonização do oeste”, não se deu de forma tranquila e muito menos amorosa¹⁰.

Durante as entrevistas, não raro, notamos um tom saudosista ao longo das narrativas. Fato que pode ser percebido de forma sutil nas citações a seguir. Da mesma forma, podemos reconstituir a utilização de antigas tecnologias, antigos modos de fazer as tarefas. Muitas são as ações que reproduzem formas de pensamento de um grupo ou família. Trata-se de uma forma de educação, que pode ser mais bem aproveitada, inclusive pelas instituições de ensino, devido à forte influência que possuem nos conceitos do estudante. Não como uma

forma de limitar e manipular, mas como uma forma de analisar e entender o que já deu certo. Vemos aí, a importância da memória dos velhos para eles (os velhos) e para todos os que os ouvirem, pois contêm valiosas informações a respeito de estruturas e processos:

- E o seu pai contava quais que foram as principais dificuldades que os primeiros moradores tiveram quando chegaram?

- A maior dificuldade que tinha, no moinho tinha que i, tinha que tê o trigo, tinha que tê o milho pra i no moinho, tinha que i a Xaxim¹¹, o mais perto era Xaxim, então, então ia a cavalo, tinha que i, pra i no moinho, e com trigo e tudo. Negócio da roça tinha que puxá milho da roça, o primeiro milho tinha que puxá de carguero a cavalo¹², depois o meu falecido pai comprô a carroça, eu tinha 9 ano, então esses 9, esses 10 ano aí, puxaro o milho a carguero, até eu com 6 ano, o falecido pai tirava na roça me carregava no cavalo eu ia pra casa a mãe me descarregava daí voltava lá de novo pegá, fazia umas 10, 12 viage por dia, e a gente vivia bem melhor que hoje, não tinha aquelas prósas¹³ que tem hoje, hoje tem muita coisa que não precisaria ter e tem, porque se tu vai vê, o consumo pra vivê hoje é muito mais que o dobrado que uma veis, uma veis a gente comprava o café, o açúcar e o sal e muita poca outra coisa, hoje não, de 10 parte, compra 8, sobra. E a gente de uma vez vinha, o falecido avô morreu com 98 ano, o pai com 80, hoje olha, aqueles que têm 10, 12 ano hoje se eles continua assim eles não vai chega nos 50 de jeito nenhum cada dia se torna mais fraco e não tem como resisti (SUJEITO4/HOMEM).

- E para o senhor, como evoluiu a agricultura, no começo até hoje assim, as mudanças?

10. Nessa narrativa há o ingrediente do religioso. Nele fica expressa uma leitura do cristianismo em tom da sabedoria popular que reinterpreta o texto bíblico. A concepção de corpo e alma divididos é uma herança grega que irá atravessar séculos na história do pensamento teológico e filosófico. A concepção de Igreja também presente nessas memórias é de uma Igreja de antes do Concílio Vaticano II que se inicia em 1959 com o Papa João XXIII e é concluído em 1963 com o Papa Paulo VI. Desse concílio outra leitura teológica se imporá, para além de uma teologia popular que ainda prega a existência do céu e do inferno bem como a divisão do corpo e da alma ao que tange à concepção antropológica de homem.

11. Pequena cidade do oeste catarinense, próxima às cidades de Chapecó e Xanxerê.

12. Modo de transportar produtos no lombo do cavalo.

13. Conversa.

- As mudanças foi que pegaram... uma época engordava porco com mandioca na manguera, e o chiquerinho só pra engordá, e o resto criava lá na manguera, daí já trocava de raça de porco, porco mais difícil pra criar, foram construindo chiquero, que os primeiro porco que inventaram aqui foram dos comum que tinha foi o "doroke"¹⁴, depois daí veio o "landrais", o landrais é mais brabo pra criar do que o doroke, depois veio o lajuais, depois veio a não sei o quê, e cada veis ele vem mais difícil pra criar. Naquela época nós malhava tudo o feijão a manguá, era tudo no braço. Nós fazia os puchirão¹⁵, reunia umas três família, de parente ou amigo, e fazia tudo junto. Tinha vez que nós era em seis em um

monte de feijão. Tinha que prestá atenção, um batia de cada vez, seguido do outro. Tudo rápido, enquanto os outro iam trazendo o feijão da roça, madona mia! Era bonito de vê. Hoje em dia não se faz mais os puchirão né? (SUJEITO4/HOMEM).

- Sim, sim. A gente se ajudava. Mas quando eu era pequena, teve uma vez eu e o meu irmão, eu tinha uns dez ano e ele uns nove e nós trabalhava por dia. Nós malhamo, em quatro, uns dez saco de feijão, e já safa limpo por que nós chacoalhava a lona e tinha vento aquele dia, tirava toda a sujeira. Todo mundo fazia assim. (SUJEITO1/MULHER).

Figura 2 – Representação da ação de malhar feijão com a ferramenta "manguá".



Fonte: Aryana Rech, 2015, s/ título, nanquim s/ papel, 30 X 23 cm.

Os trechos citados anteriormente nos possibilitam interpretações acerca de um tempo com menos facilidades tecnológicas, porém, contados de forma positiva, no sentido de uma vida correta, justa e contemplativa, cumprindo com os rigores religiosos e de recompensa futura

pelo trabalho árduo. Na parte inicial do relato, o entrevistado fala com um tom nostálgico. Apesar de relatar uma rotina bastante cansativa e difícil, ele parece lembrar de tudo com alegria e argumenta que se vivia melhor naquele tempo. A simplicidade, a produção dos próprios

14. Nesse trecho o entrevistado menciona raças de porco.

15. Espécie de mutirão de ajuda, comum nas comunidades de ítalo-brasileiros. Reuniam-se várias famílias para ajudar em uma grande tarefa, como colheitas, entre outras.

alimentos, a vida em família, tudo isso parece fazer parte desse “viver melhor” de que fala nosso entrevistado. O último trecho do relato diz muito de um tempo em que o trabalho infantil era visto com outros olhos, pois fazia parte da educação familiar que a criança contribuísse com os trabalhos diários, sendo a maioria dessas comunidades compostas por pequenos agricultores. O fato de os dois entrevistados trabalharem por dia, ou seja, trabalhar para outras pessoas em troca de um valor estipulado por dia, nos diz que assim faziam por real necessidade. Do contrário, trabalhariam na propriedade da família como a maioria das outras crianças. Isso também era comum em pequenas comunidades rurais, onde crianças contribuía com a renda no caso de famílias mais humildes. Os trabalhos desenvolvidos eram lavar a roupa, limpar a casa, ajudar nos trabalhos gerais da propriedade. O valor pago pelo trabalho diário era em dinheiro ou em produtos, sejam alimentícios ou de outra necessidade.

Com essas memórias podemos pensar no relativismo dos direitos humanos e no relativismo dos direitos das crianças e adolescentes, em que muitas das narrativas mostram situações precárias que não mudaram muito ao longo do tempo. À família desses ítalo-brasileiros foram prometidas terras e riquezas em um país desconhecido, mas o que a maioria encontrou foi um trabalho árduo. Seguindo essa premissa, Ahlert (2007, p. 3) nos questiona: “O que se fez com o direito de viver quando este não mais opera para a maioria da população planetária?”. A partir dessa pergunta podemos analisar a história do oeste catarinense sob uma visão de direitos humanos e dos direitos das crianças e adolescentes e ver qual grupo teve seus direitos completamente respeitados pelo governo da época.

As fortes características que marcam a memória individual, bem como o apoio na memória coletiva, fazem com que essas reminiscências adquiram um ar ainda mais

rico, pois não trabalhamos com a frieza dos fatos reais, mas com as infindas possibilidades garantidas pela personalidade de cada indivíduo. O narrador é livre para contar da sua maneira e segundo as suas interpretações, pois, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55).

Conhecendo as lembranças dos idosos, independentemente de seu grupo étnico, temos a possibilidade de compreender sua trajetória de vida e saber quais episódios do seu passado estão intrínsecos na sua memória, e de que modo eles interferiram nas suas escolhas ao longo da vida. Dessa mesma forma, pode-se perceber o quanto os hábitos e costumes do grupo no qual o idoso está inserido, bem como a memória coletiva desse mesmo grupo, também intervieram e ainda intervêm em sua vida. Nas narrativas do sujeito 5/mulher têm-se uma ideia de como algumas experiências da infância marcaram e contribuíram para o que ela é hoje:

Quando eu era pequena, trabalhava no velho João... trabalhava por conta, de empregada. Eu ia cedo e arrumava aquelas camas bonitas, meu sonho era ter uma casa que tivesse as camas bem arrumadas, que meus filhos não andassem de pé no chão, que não faltassem casacos... (pausa grande). Tudo o que eu sonhei, deus me deu... Só que o meu mundo era pequeno, e eu sonhei tão pouco.

Uma vez, nós morava lá no pesqueiro, e tinha bastante galinha, peixe tinha a vontade... Mas não tinha sal, não tinha banha, não tinha farinha, não tinha mandioca, batata. Daí só carne fervida e peixe assado sem sal não tinha graça. O finado pai saiu de lá a pé, foi até Coronel Freitas, dá uns 50 quilômetros, pegar um dinheiro lá no tio Paulo, voltou até Santo Antônio do Meio, comprou farinha de milho, queijo e mais coisas, ele demorou três dias pra ir e voltar a pé. E quando ele chegou de madrugada em casa, a finada mãe fez a

polenta e fritô a carne. Então ela foi e acordô nós pra comer... De madrugada, acordô nós pra comer.

A Antonia era minha professora, depois ficou minha cunhada, quando eu fui substituir ela, que eu comecei a dar aula. Dei aula dois anos e meio no Cotovelo, depois fomos pro Alto Santa Terezinha, num sertão lá, foi onde nós fundamos a escola, o nome da escola

hoje... Agora não tem mais por causa da centralização, a escola era Nilo Peçanha. Fui a primeira professora, primeira catequista, e ministra junto com o pai. Na primeira turma deu 56 alunos, uns quatro cinco eram italiano, alemão, o resto era tudo caboclo. Era mais fácil trabalhar com os caboclos do que com os outros, ajudavam, limpavam ao redor da escola. (SUJEITO5/MULHER).

Figura 3 – Representação de mulher ítalo-brasileira trabalhando na roça nos últimos dias de gestação.



Fonte: Aryana Rech, 2015, s/ título, aquarela s/ papel, 30 X 23 cm.

Nesse relato de teor bastante sentimental, também encontramos um trecho que se refere ao trabalho infantil e, como visto no que se segue sobre as dificuldades enfrentadas, vemos que esse trabalho era feito por necessidades financeiras. A reminiscência, presente na memória da idosa em questão, teve bastante repercussão em sua trajetória de vida. Ao limpar a casa de outros, ela sonhava em, algum dia, ter tudo aquilo também e, como ela

menciona adiante, sendo professora, teve essa possibilidade. Na sequência, temos um vislumbre da criação de uma nova comunidade, na qual nossa entrevistada foi a primeira professora, a primeira ministra e a primeira catequista, evidenciando a importância da escola e da igreja.

O conhecimento empírico característico das reminiscências de velhos é, não raro, menosprezado pela ciência do capital. “A sociedade capitalista desarma o velho

mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa” (BOSI, 1994, p. 18). Esse apelo a um passado perfeito oprime várias lembranças que muito contribuíram para a formação do indivíduo. Ahlert (2007, p. 2) escreve que “todos temos a nossa construção humana, nossa história pessoal e social a partir das diferentes culturas a qual pertencemos.” Mas essa história oficial celebrativa de que fala Bosi, muitas vezes, ignora essa riqueza de diversidade e uniformiza toda uma sociedade.

Sabemos que a história de colonização do oeste foi contada, escrita, contestada, reescrita e está em constante complementação. Temos, através da oralidade, certa intimidade com as lembranças desses velhos, pois, ao longo das narrativas, sejam elas diretas ou não, vivenciamos as experiências, e nos emocionamos com os costumes e com os fatos. Como é o caso desse relato, narrado por dois entrevistados:

- E iam na roça até quanto tempo de gravidez, quando tavam grávidas até... - Até a última hora também, de dia trabalhava de noite ganhava nenê, que bonito que era thó! Era uma facilidade que coisa de loco, né, agora o primero meis a mulhe tá no médico, antes de casá, tem de ter a empregada, tem gente que tem a empregada antes de casar, eu nunca existiu na minha casa empregada. (SUJEITO1/MULHER).

- Naquele tempo a gente trabalhava até o último minuto. Minha filha mais nova, eu tinha 42 anos, tava carpindo, eram cinco da tarde, quando começaram as dores, mandei o Carlos e a Maria (filhos da entrevistada) chamar a parteira. Entrei, tomei banho, a nenê nasceu as nove e quinze da noite. Todos os meus nove filhos foram assim, só três deram mais trabalho, o Paulo demorou três dias pra nascer, a parteira ficou o tempo inteiro lá comigo. Esse se tivesse cesárea, eu ia querê, sofri muito (SUJEITO5/MULHER).

As duas entrevistadas dizem de um

tempo em que a cultura do trabalho impera. Os descendentes de italianos herdaram esses preceitos de seus antepassados, para quem trabalhar de sol a sol era dever de um bom cidadão, protetor da família e temente a Deus. As duas relatam que trabalharam até o último dia de gravidez e isso era algo louvável para uns, necessário para outras, mas de todas as formas era algo habitual.

Considerações finais

Com essa produção teórica prática, buscamos instigar os saberes acerca das diferentes culturas conhecidas a partir da memória de velhos. E como pode ser enriquecedor adentrar nesses fragmentos de memória, percebendo como foi essa etapa de formação da região em que vivemos. A formação do oeste catarinense ao longo dos séculos teve constantes mudanças, se elas foram positivas ou negativas não nos cabe analisar aqui, pois o que queremos mostrar, por meio dessas reminiscências, é a riqueza de experiência que conseguimos por meio da memória de velhos, sejam eles de qualquer grupo étnico, e as infindas possibilidades advindas dessas lembranças.

Esse estudo/pesquisa possibilita pensar o mundo da vida e o cotidiano como uma construção coletiva, resultado de um contexto cultural que envolve diversos fatores, como o trabalho e a religiosidade.

Visto que as lembranças de velhos são seletivas, registrando alguns aspectos em detrimento de outros, e que todo esse rizoma de informações se constitui em patrimônio imaterial, percebemos a importância desse trabalho no que se refere a compor a valorização do velho como memória viva da família e dos costumes antigos, como o “Kofa ag”, um ponto de referência, memória e sabedoria.

Conforme visto, são essas lembranças, hábitos e costumes que compõem as fronteiras

entre os diferentes grupos étnicos (BARTH, 1998). A interação entre eles é o que fortalece esses limites, pois é na comparação que se firmam os elementos de diferenciação e identidade de uma cultura.

Dialogamos com o aspecto lúdico das narrativas, apontando as diferenças dos espaços temporais, fontes riquíssimas de informação e referência tanto para a produção de conhecimento científico, quanto para o visual, pois as ilustrações que dão vida a alguns fragmentos de memória valorizam a identidade sociocultural da região.

Ao trazer pela memória a dimensão do patrimônio imaterial e, a partir dele reconstituir rizomas não só de informações mas de infinitas possibilidades de significações não significa que o patrimônio material não tenha sua importância. Ao contrário, tanto o patrimônio imaterial quanto o material implicam e supõem a memória como *topoi* de constituição dos elos, dos nexos, entre as coisas, as pessoas, as culturas no tempo e no espaço. Tanto o patrimônio material, por exemplo, das ruínas jesuítas no espaço dos *Sete povos das missões* que deram

origem ao processo de formação do Rio Grande do Sul necessitam da memória para a fazer as ruínas falarem, falarem de um tempo passado que se funde em um tempo presente, quanto a memória imaterial que, conforme apresentado, possibilita a partir e desde os ítalo-brasileiros e, por homologia, os alemães, os poloneses, fazer pela memória viva das memórias de velhos o passado falar. A memória enquanto *topoi* de fusão, profusão e efusão de informações e significações. Memória não enquanto um lugar físico ou metafísico, mas sim, enquanto um lugar de confluências do tempo em que todos os tempos são reunidos, passado, presente, futuro. Memória enquanto *topoi* que possibilita a reconstituição pelo movimento da palavra falada, escrita, portanto, pela linguagem verbal, mas também, pelo movimento da pintura, do desenho, da música, portanto, pela linguagem não verbal. Linguagem verbal e linguagem não verbal habitam a memória possibilitando sempre a recriação das coisas, da vida, da história, da existência, da cultura, da história humana no mundo e do mundo onde o humano tece sua existência

Referências

AHLERT, A. Ética e direitos humanos: princípios educacionais para uma sociedade democrática. **Nômadias**: Revista Crítica de Ciências Sociais y Jurídicas, Madrid, v. 11, n. 2, p. 120-133, jun./dez. 2007.

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Editora da Unesp, 1998. p. 185-227.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1994. 42 p.

COSTA, M. L. da; CASTRO, R. V. de. Patrimônio imaterial nacional: preservando memórias ou construindo histórias? **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 13, n. 2, p. 125-131, 2008. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2008000200004>.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p.

- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. 189 p.
- LIMA, R. B. de. **Memória de velhos**: sobre terras e gentes. Rio Branco, AC: Boni, 2008. 168 p.
- PIOVEZANA, L. **Território Kaingang na mesorregião grande fronteira do Mercosul** – territorialidades em confronto. 2010. 286 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz, Santa Cruz do Sul, 2010.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. Tradução de Dora Rocha Flaksman. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2018.
- RENK, A. **Dicionário nada convencional**: sobre a exclusão no oeste catarinense. 2. ed. Chapecó, SC: Argos, 2005. 116 p.
- _____. **Migrações**: de ontem e de hoje. Chapecó, SC: Grifos, 1999. 88 p.
- SAVOLDI, A.; RENK, A.; WOLFF, J. **Novas etnicidades caboclas**. Chapecó, SC: Editora da UNOCHAPECÓ, 2006. (Relatório de pesquisa).
- ZAMBIASI, J. L. **Lembranças de velhos**: experiências dos velhos migrantes italianos do oeste catarinense. 2. ed. Chapecó, SC: Universidade Grifos, 2000. 56 p.

Submetido em 13 de abril de 2018.

Aprovado em 7 de julho de 2018.